



ANÁLISE DE CONJUNTURA E O PAPEL DO FSM – REUNIÃO DO CI DO FSM – 15/10/2017

A análise de conjuntura apresentada é uma síntese do debate que deu início à reunião do CI. As intervenções das diversas pessoas presentes buscaram analisar o contexto planetário, as problemáticas e as lutas de movimentos, povos e territórios, como também apontar o papel do FSM e especialmente do FSM 2018 para ampliar a resistência, criar e transformar.

A crise e a ofensiva neoliberal

O mundo enfrenta uma crise sem precedente, de múltiplas dimensões (ambiental, energética, financeira e econômica, geopolítica, alimentar, de migrações, entre outros) na qual o capitalismo neoliberal encontra formas de se reinventar. O momento é de hiperglobalização, caracterizada não apenas pelo aumento do comércio internacional integrado, como também por uma mutação profunda do sistema mundial de produção e de comércio, com impactos em todos os países e regiões. Em todo mundo, as crises do capitalismo afetam a vida cotidiana de todas as pessoas.

A hiperglobalização neoliberal intensificou seu domínio sobre a vida das pessoas e sobre os bens comuns, com a mercantilização da água, dos recursos naturais, dos serviços públicos, das empresas estatais, da mão de obra das trabalhadoras e dos trabalhadores; a apropriação das terras de povos originários e tribais, de comunidades tradicionais e de povos indígenas, e de forma geral o aumento dos conflitos fundiários e da impunidade; mas também a submissão das populações a políticas de austeridade. Generalizaram-se as perversas relações do mundo da política e da grande mídia com o mundo das finanças. Os altos níveis de corrupção alimentam o refinamento do papel dominante do estado (incluindo o poder judiciário e o poder legislativo) no controle da máquina estatal a serviço do capital, e levaram a uma nova geração de golpes institucionais de estado, como no Brasil e em outros países da América Latina.

A evolução da economia global já mostra sinais da sua incompatibilidade com a manutenção das democracias. Os golpes orquestrados no Brasil e em diversos países da América Latina são movidos pela cobiça do capital por recursos naturais e financeiros, e se traduzem pelos desmontes das políticas sociais conquistadas pelos

movimentos sociais. As desigualdades e a concentração da riqueza chegaram em um patamar jamais atingido. Na América, Latina, a pobreza volta a aumentar. Em diversas regiões, a desestabilização, as guerras, as repressões violentas, o terrorismo e a sua instrumentalização se impõem. A hegemonia comercial dos Estados Unidos já perdeu sua força, com o fortalecimento de outras potências econômicas, a exemplo da China, mas permanece muito expressiva no plano militar. A militarização das fronteiras está crescendo.

O mundo enfrenta uma crise de migrações. O fluxo migratório é intenso dentro dos continentes - somente na África, mais de 10 milhões de migrantes transitam entre os países – mas também entre os continentes e principalmente no Mediterrâneo, onde 30 mil migrantes estão em trânsito. O mar nesta região tornou-se um imenso cemitério. Os refugiados estão estigmatizados e vivem em grande parte em situação desumana. Novas formas de escravidão aparecem. O racismo e o sexismo permanecem como pilares estruturais e fundantes da dominação do capitalismo.

Na maioria dos países, as forças políticas de esquerda enfrentam graves dificuldades: esvaziamento da política enquanto espaço de ação do povo, criminalização dos movimentos sociais, crise dos sindicatos, dos partidos políticos e divisão das esquerdas. Fortalecem-se outras respostas de rejeição ao neoliberalismo, desta vez oriundas do fundamentalismo e da extrema direita, que disseminam o nacionalismo, o isolamento, o ódio, a xenofobia, o racismo, o sexismo e diversas formas de discriminação. A disputa está no campo do conhecimento, com o crescimento da hegemonia conservadora de um lado, e uma ausência de hegemonia no pensamento transformador do outro.

O papel do FSM 2018 no contexto planetário

O FSM 2018 aparece de extrema importância na atual conjuntura mundial. No contexto de crises de múltiplas dimensões e do aprofundamento das desigualdades, o FSM 2018 pode encontrar uma oportunidade para se colocar em um lugar de renascimento, fortalecendo suas propostas, ecoando as vozes e causas de grupos invisibilizados na sociedade, e promovendo pontes entre lutas e movimentos.

Existem muitos movimentos de resistência espalhados pelo mundo. Alguns deles estão cada vez mais fortes e iniciaram revoluções que estão em curso. É a revolução das mulheres, das juventudes, a revolução ecológica levada pelos movimentos ambientalistas, a revolução dos povos e comunidades tradicionais, dos povos indígenas, entre outros. Há também movimentos amplos que se mobilizam em defesa da democracia em diversos países, assim como casos de transformações pacíficas através de processos eleitorais. No Brasil, vale ser ressaltada a criação das Frentes Brasil Popular e Povo sem Medo, envolvendo partidos de esquerdas e movimentos sociais. Devem ser ainda lembradas as múltiplas experiências econômicas, sociais e políticas desenvolvidas em margem do sistema capitalista. O enfrentamento ao racismo e ao sexismo também cresce no mundo e se coloca como forma de articulação das lutas.

O espaço do FSM 2018 assim precisa radicalizar as expressões da democracia, favorecendo as convergências, mas também as controversas e divergências, e

facilitando a construção de confluências entre as diversas posições. O FSM 2018 não é só um evento mas também um processo, e a convergência que poderá surgir em março em Salvador deve ser o resultado das articulações de lutas no âmbito local, nacional, regional e mundial. Deve assim ser inserido na dinâmica das mobilizações planetárias que antecedem o evento: a COP 23 em Bonn (Alemanha) e a Cúpula União Europeia-África em Abidjan (Costa do Marfim) em novembro, a reunião da OMC em Buenos Aires em dezembro, ou ainda um Dia de Ação Global Anti-Davos no dia 23 de janeiro 2018. O FSM 2018 deve ainda ser articulado com o Fórum Alternativo Mundial das Águas previsto para acontecer em Brasília, logo após o FSM 2018, de 18 a 23 de março de 2018, e com o Fórum Mundial das Migrações, no México em novembro 2018.

O FSM 2018 deve levar em conta a existência de contra-revoluções que se opõem aos processos de transformação social. A extrema direita e o fundamentalismo crescem e ocupam cada vez mais espaço nas narrativas do mundo. Por isso, a batalha está no campo dos valores e das ideias, no sentido de criar ou difundir outras narrativas, contribuindo desta forma para renovar a esperança em um contexto de aumento do ceticismo. É preciso fortalecer as capacidades de autodefesa, por exemplo no âmbito da economia, da política e da diplomacia, mas também pensar de uma forma propositiva, disseminando o modelo de desenvolvimento que queremos e as estratégias de transformação social a serem implementadas.

Não pode e não deve ser amenizada a pluralidade das nossas lutas e causas. Temos que buscar soluções coletivas e ao mesmo tempo considerar as especificidades locais, e participar de cada problemática. O FSM 2018 precisa entrar nas causas defendidas pelos povos curdo, palestino, saarauí, mexicano, brasileiro, venezuelano, latino-americanos, entre outros. É verdade que os conflitos e as especificidades regionais tornam mais complexas a participação e a articulação dos movimentos sociais. Mas todas as lutas locais devem ser transformadas em lutas globais e em um contexto global. E os eixos do FS2018 devem contribuir para a resignificação das nossas alianças e da solidariedade, para uma rearticulação dos movimentos de forma geral, evitando assim uma fragmentação na diversidade. Os territórios dentro do FSM precisam expressar formas de acolhimento e não muralhas.

O FSM 2018 deve contribuir principalmente para atingir e mudar os paradigmas de construção do capitalismo. A racialização das relações na sociedade e a supremacia branca, o sexismo e o patriarcado encontram em Salvador, capital do estado da Bahia, um território impar para serem desconstruídos. Vale lembrar que além de Salvador ser a cidade mais negra fora da África, um dos principais destaques da dinâmica da sociedade civil organizada no Brasil reside na articulação das mulheres negras.